

PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL

programa 7

VÍVIDOS DE AMOR

Antonio Risério [Antropólogo]

As Américas Ibéricas, a gente esquece um pouco isso, foram uma aventura da juventude europeia, quem veio para cá foi garoto, Anchieta tinha 17 anos, Estácio de Sá foi governador do Rio mais ou menos com essa idade, Caramuru chegou com 10, 12. Essa garotada atravessava o Atlântico com su... Com uma Europa em crise, sombria, com sonhos de liberdade, riqueza e sexo.

Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]

Eu acho que o nosso grande nó é como pensar a miscigenação, porque ela é construtiva da nossa história, mas se a gente não pensar historicamente essa miscigenação a gente vai incorrer num erro que é imaginar ela como algo pacífico e, e harmonioso.

Kaka Werá [Escritor]

Num primeiro momento na chegada dos, vamos dizer assim, dos aventureiros como por exemplo João Ramalho, como ele chegava nas aldeias ele era um cara diferente e que tinha uma tecnologia, uma arma de fogo ali um negócio diferente a estratégia dos caciques era torna-lo parente, é o fenômeno que o Darcy Ribeiro aborda nos livros dele que é o cunhadismo, torna-lo parente porque era melhor ter um sujeito desse do teu lado, aliado, do que ter como inimigo.

Carlos Fausto [Antropólogo]

É, justamente, João Ramalho que estando em Piratininga, futura São Paulo, né, controla todas as alianças com a grande população indígena da região, todas Tupi, chamadas Tupiniquim, porque ele é o genro do chefe Tibiriça, ele casou com uma mulher que ficou na, na... Conhecida na história como Bartira e ele vai ter um monte de filhos.

Antonio Risério [Antropólogo]

Quem vem para cá? Os desgarrados, aventuras individuais, é uma colonização extra estatal que a gente pode chamar Período Caramuru da história do Brasil, e esses caras que vinham aqui e ficavam em pontos variados do litoral brasileiro criaram suas teias de relações, suas teias de amizade, suas famílias aqui. Você pega por exemplo a Casa da Torre de Tatuapara, Praia do Forte hoje, su... Criou-se um mega latifúndio a partir daí do São Francisco ao Maranhão, construiu o Brasil geograficamente. Quem eram os senhores dessa casa? Um garoto trazido por Tomé de Souza que era o Garcia D'Ávila casado com uma índia tupinambá chamada Francisca, a filha deles é Isabel, até o, o documento é lindo que registra ela: "Isabel, mestiça dos campos de Itapuã". Isabel casa com um neto do Caramuru que também já é outra mistura que vem, porque era o Caramuru português e Catarina índia. É tão engraçada a inversão porque eu chamo ao português pelo nome tupi que é Caramuru e chamo a índia por um nome lusitano que é Catarina, lusitano não, europeu. Quer dizer, todos aí são filhos de portugueses com canibais tupis.

Ronaldo Vainfas [Historiador]

A sexualidade é enorme, né, porque a maior parte do, do... Isso já nos primeiros acordos da, da presença portuguesa no Brasil porque eram homens não, não traziam mulheres, não vinham famílias como foi o caso por exemplo da... Das colônias da Nova Inglaterra. Os homens indígenas é que, é que eram os guerreiros e que lutavam e morriam mais, criava uma situação de aproximação demográfica entre as mulheres índias e os, e os portugueses, aí depois veio o elemento africano que também vinha com desequilíbrio demográfico interessante, muitos homens poucas mulheres. Então esses, esses, esses fenômenos vão de várias maneiras criando, não é, um cenário para encontro de, de grupos étnicos distintos, culturas distintas, tudo isso, tudo isso irrigado pelo desejo sexual.

Maurício Lissovsky [Historiador]

Por que que o Brasil miscigena tanto? E a resposta que eu tenho é talvez porque as barreiras do desejo são... Sejam menores, quer dizer, talvez a frouxidão, a frouxidão legal, a frouxidão, né, faz com que o desejo corra mais solto, pois se... A per... A pergunta estranha é: "Por que não se miscigena tanto em outros países?"

Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]

O índice de miscigenação no Brasil é maior, ele é maior do que nos Estados Unidos pelo menos até a década de 50 e 60, não tem como comparar, mesmo porque lá você tem leis que proíbem o casamento interétnico, aqui isso nunca aconteceu. A população mestiça do Brasil que muitas vezes é uma mestiçagem fruto de violência também, sobretudo no período do escravismo, ela durante muito tempo serviu para, para a elite, para o Estado lançar essa, né... As, as tensões da, da... Das relações raciais.

Manolo Florentino [Historiador]

Agora, Gilberto, por exemplo, ele se equivocava quando falava da plasticidade do português, porque quando a gente estuda a partir de, por exemplo, batismos, matrimônios a gente observa que esse sujeito é plástico mas nem tanto. Ele primeiro busca para casar, agora me refiro ao português que vem para o Brasil, ele primeiro busca as mulheres portuguesas que existem aqui que são poucas, né, num segundo momento quando se fecha essa possibilidade de acesso a mulheres portuguesas ele busca mulher branca colonial e num terceiro momento ele busca a mulher forra ou livre negra. Muito raramente nós observamos portugueses casados com escravas.

Ronaldo Vainfas [Historiador]

Desejo sexual é uma coisa de ordem emocional, não é, de ordem física, há uma atração, preconceito racial é outra coisa são valores, são valores hierarquizantes. No caso português tinha estatutos de limpeza de sangue, uma pessoa que fosse descendente de... Que fosse mestiça em princípio não podia atingir certas posições, então o português podia amar loucamente uma, uma mulata, amar completamente mas não casava com ela.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

É uma mestiçagem que se estabelece na violência, é uma mestiçagem que se estabelece num dado demográfico concreto porque não tinha mulheres brancas. Você imagina, por exemplo, a mineração não tinha! O garimpo é uma atividade masculina, não é, 10% da população masculina adulta de Portugal se transfere para Minas Gerais durante o período do ouro, da mineração, ali chegam basicamente homens, né, garimpeiros e você rigorosamente não tem mulher! Brutos, brutos, claro, né, chegam

para a brutalidade do garimpo para de... Para definir quem vai controlar aquilo na base do tiro, na base da faca, é Guerra dos Emboabas! Você está disputando o controle do território na base do tiro, da faca, da chacina.

Contardo Calligaris [Psicanalista]

Fazendo uma análise foucaultiana da miscigenação como sendo a grande estratégia de poder no Brasil ao que eu acho uma tese provocadora e, e interessante, porque exatamente na contramão do que geralmente é dis... Dito sobre a miscigenação como sendo, digamos assim, uma prática conciliadora, ou seja, ah, aconteceu um horror, a escravatura, extermínio dos índios, o cara manda um fundo, né, a gente se encontrou na cama. O poder e a dinâmica do poder está totalmente ligada à fantasia erótica, eu nem sei se existem fantasias eróticas que pelo menos não transitem por uma descompensação de poder. Isso faz, por exemplo, que sonhar com um sexo que seria liberado das fantasias de domínio é um sonho muito legal, mas o sexo vai morrer, pelo menos no caso dos homens porque o nosso sexo é totalmente dominado e permitido por fantasias e só por fantasias nós não temos nenhuma razão natural para excitação sexual, somos os únicos mamíferos superiores que não se excitam só porque a fêmea naquele dia nos demonstra que está fértil e por tanto é o dia, é hoje, não, não funcionamos assim. Nós só conhecemos excitação sexual de ambos os lados, homens e mulheres, a partir de fantasias e nessas fantasias a fantasia de poder é o... Então você pode viver num mundo miscigenado, mas a tonalidade... Você pode ser racista na prática da miscigenação.

Jessé Souza [Sociólogo]

Nossa escravidão ela mesclou a... Uma escravidão industrial, uma escravidão sexual, né, dos pa... Países árabes, né. Os mouros tinham recém... Tinham saído recentemente de Portugal a partir de... E a, a escravidão árabe ela é, ela é doméstica sexual, né, os árabes escravizaram sete e meio milhões de mulheres no decorrer dos, dos séculos, um milhão de eunucos, etc. A nossa escravidão ela combina esses dois, esses dois elementos até porque não vinha... Não, não tinha mulher branca, não é isso? E os caras tinham as suas dez ou 15 mu... Mucamas, tinham o seu pequeno harém.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

A virilidade exacerbada masculina no Brasil é um processo de domesticação do corpo, você tem uma estrutura colonial em que o corpo é adequado para aquele

exercício da virilidade e esse exercício da virilidade se manifesta muitas vezes na sexualidade desenfreada que marca a história brasileira no Brasil colonial. Um corpo masculino adequado à lógica da virilidade, o corpo senhorial, né, e ao mesmo tempo um corpo feminino adequado à lógica reprodutiva de que ele está ali para ser usado, ele está ali, enfim, para reproduzir. Então a, a nossa relação de mestiçagem, a miscigenação brasileira que é uma miscigenação que se estabelece pelo sexo ao mesmo tempo ela vem acompanhada de uma carga de extrema violência e uma carga normatizadora do corpo, do papel do corpo no sistema colonial.

Thula Pires [Direito Constitucional]

Havia aqui modos de lidar com a sexualidade que operavam em contextos muito distintos do contexto europeu, né, e como ope... O europeu leu isso e se apropriou e vai dizer que é hiperssexualização, que tem ali uma estratégia aí é um problema do tipo do europeu, né, que está vendo nisso essa hiperssexualização. O que houve é uma história de miscigenação construída sobre estupro de mulheres negras e indígenas. A gente precisa entender, né, que a origem dessa alegoria da miscigenação é estupro e a gente precisa entender por que que a gente tem cultura de estupro até hoje, né, porque a gente continua exaltando a miscigenação com tudo que ela tem dentro, a gente não exalta a miscigenação problematizando e complexificando o que veio junto com ela ou de onde ela nasceu.

Antonio Risério [Antropólogo]

No Século XVI nós começamos dividindo a população brasileira rigorosamente em brancos e pretos. Isso não, não foi além do Século XVI, a nossa experiência histórica descartou isso, nós começamos a não só ter a mestiçagem como a reconhecer a mestiçagem e ter um vocabulário e um discurso para o mestiço, mestiço passou a ter existência social e cultural no país e a, a comandar várias coisas, não era aquele jardim fechado do puritanismo com aquele horror que os puritanos têm à mistura, à mixofobia anglossaxônica, Portugal tem nada a ver com isso. Isso gerou um, um, um espaço novo nos trópicos, cultural, onde as coisas se mesclaram e, e as coisas se sincretizaram em profundidade, tanto que os deuses africanos sobreviveram aqui e nos Estados Unidos não, como também na Argentina não. Se tivesse acontecido no Brasil e em Cuba o que aconteceu nos Estados Unidos e na Argentina não haveria um só orixá em todas as Américas, música religiosa negra e black religious music são linguisticamente

equivalentes. Agora, olha a diferença, black religious music é gospel, é música protestante, é música da bíblia cantada pelos pretos, da tradução que os negros fizeram da Bíblia. Agora, música religiosa negra no Brasil não, é atabaque, é cantada em gegê, é cantada em yoruba. Isso é uma diferença brutal.

Guillermo Guicci [Historiador]

Existe mais que uma história social do Brasil, uma história sexual do Brasil e que essa sexualidade é, é fundamental na, na construção da identidade. Mas existe também por outro lado que o colonizador que chega no Século XVI não chega livre de preconceitos, chega com ideias do que significa a moralidade, do que significa a religião, do que significa a ordem, do que significa a, a possibilidade de, de expor o corpo e, e nesse sentido se a imagem é encantadora mas a prática é mais conflitiva.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

Essa miscigenação também me parece que por parte do europeu a gente tem que ter um cuidado em fazer uma leitura, imaginando que o europeu está se entregando ao delírio tropical e as índias estão ali, as africanas, é porque o europeu mesmo aquele mais pobre que vinha da Europa e entrava em contato com índio e africana ele se sentia incontaminável, ele tinha percepção que ele prevaleceria, então você tem alguns discursos sobre a mestiçagem brasileira que falam da mestiçagem como caminho de branqueamento. Esse é um detalhe assustador! Naquela... Naquele projeto de transição do Império para República quando você tem o branqueamento os que defendiam o branqueamento com raras exceções defendiam a mestiçagem, porque a linha de raciocínio deles era a seguinte, se você estimula a mestiçagem o branco geneticamente vai prevalecer sempre, então o que acontece? Estimule a mestiçagem, a mestiçagem não é um problema, não é um erro porque a supremacia branca acaba prevalecendo.

Beatriz Jaguaribe [Escritora e ensaísta]

Que historicamente uma coisa que a gente pode... Fica um pouco impressionada, quando você vai ver aqueles retratos pintados a óleo daqueles notáveis do Itamaraty no Século XIX, etc., as pessoas eram muito morenas, a própria elite brasileira tão racista ela era muito morena, ela foi se, se, digamos, europeizando também, então tem um, um movimento aí interessante de ver isso e tem essas contradições tão fortes, né, quer dizer, você tinha um país escravocrata e ao mesmo tempo o engenheiro mais famoso do

império era o André Rebouças que era negro, o fundador da Academia Brasileira de Letras é Machado de Assis. Agora, a explicação não é porque não era racista não é essa a explicação, a explicação é que os sistemas, né, de acomodação, de favores prevalecia sobre a designação racial.

Guilherme Wisnik [Arquiteto e escritor]

Essa questão da, da sexualidade difusa dissimula o racismo brasileiro em grande medida sim, aliás uma das melhores maneiras de você aplacar uma questão é assimilá-la, capitalismo sabe disso muito bem, é o que o capitalismo faz o tempo inteiro, você quer esterilizar alguma coisa você vai lá e engloba, mas não é antropofagia oswaldiana porque a antropofagia ela é... Ela, ela come como potência, né, é o, é o transformar o tabu em totem. O princípio antropofágico é você pegar aquilo que é recalcado e engolir para, para expor aquilo, não é. Esses pri... Esse, esse movimento do capitalismo ao contrário ele é assimilador porque ele esteriliza, e de certa maneira a nossa assimilação portuguesa ela fez um pouco isso, misturou, colocou tudo um pouco em banho-maria e deixou os conflitos apaziguados, pouco dispostos a, a uma explosão.

Maurício Lissovsky [Historiador]

É que eu acabei descobrindo não só vários restaurantes chamados senzala como inclusive dois motéis chamados senzala, um em Recife outro em Porto Alegre, Porto Alegre nem casa grande teve, né, a cada grande colonizou a senzala, quer dizer, a ideia da casa grande, quer dizer, a nossa adesão à casa grande é de tal ordem que a senzala desaparece como lugar de sofrimento e reaparece como lugar de prazeres desse sinhozinho que come as, as meninas, que, que... De uma culinária maravilhosa, enfim. Esse, esse... É muito impressionante como esse... Essa palavra perdeu sua dimensão de violência para ser... Para virar folclore. Então a folclorização da violência eu acho que é um, um problema, né, eu não duvido que vão criar um dia um shopping center senzala, entendeu, e as pessoas vão comprar roupas ali normalmente como se tivessem indo num lugar bacana, vai estar decorado com umas palhinhas, uns símbolos africanos.

Marilena Chaui [Filósofa]

Você tem o branco e a negra ou às vezes você tem o negro e a branca, mas pergunta se você tem um cara da classe dominante e um cara da classe trabalhadora em miscigenação, não. A relação social que mantém a forma, a forma racista permanece

mesmo na miscigenação, uma parte da mestiçagem está ligada ao uso que o homem branco fez da mulher negra e os mestiços são bastardos.

Manolo Florentino [Historiador]

Um dos aspectos que tem que ser retomado na história brasileira é a pobreza como categoria social, a pobreza junta. Isso ficou mais claro para mim estudando quilombos porque você... Eu encontrei, eu cheguei a encontrar pessoas brancas livres vivendo em quilombos no oeste mineiro, pessoas brancas livres vivendo em quilombos na Região dos Lagos, Saquarema, Araruama, obviamente eram homens e mulheres pobres, a pobreza junta. A miscigenação brasileira ela não é fruto do estupro, do senhor em relação à escrava ela é... Isso ocorria, mas ela é fruto fundamentalmente dessa interação de homens pobres com mulheres também pobres oriundas do cativeiro. A pobreza é uma categoria sociológica que tem que ser recuperada.

Muniz Sodré [Sociólogo]

Pegar a negra vem da tradição portuguesa, pegar a mais escura que a mulata, que é gostosa, isso, isso está também na educação da forma social escravagista, então a aproximação sexual não é a mesma coisa que aproximação do que eu estou chamando de posição de classe e aceitação intelectual, aceitação do outro como ser humano par, um par humano.

Thula Pires [Direito Constitucional]

É a raça que vai definir as nossas relações. Então não vejo um paradoxo entre miscigenação e racismo porque essa junção, né, que, que foi mobilizada, né, para tentar forjar uma identidade nacional a partir dos anos 30 se forjou mantendo as hierarquias e mantendo uma... Humanos e não humanos.

Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]

Até, né, a década de 20 no Brasil o mestiço ele é o esquizofrênico, ele é o degenerado. Se a gente pegar os autores que tentam... Analisando isso até 1920 a gente vai ver esse tipo de adjetivo para falar dos mestiços. O que o, o modernismo brasileiro faz é se apropriar positivamente da miscigenação. Quem também pega essa, essa, essa vanguarda do Movimento Modernista, né, e, e analisa isso de forma mais contundente por mais que ele, novamente, estabelecesse lugares para esses, esses elementos da

miscigenação muito, né, o nome... O livro dele é Casa Grande e Senzala, não é por acaso que chama Casa Grande e Senzala ele sabe muito bem onde cada um tem que estar, por mais que ele seja muito defensor dessa, dessa relação que ele... Que mais tarde, né, vão atribuir a ele de democracia racial a obra do Gilberto Freyre, da Casa Grande e Senzala, é uma obra muito violenta porque ela aponta a história brasileira e os lugares em que os elementos, as pessoas dessa história têm que estar e o que você tem já no gove... Na era Vargas, e essa eu acho que é a grande sacada do Vargas, né, é conseguir entender essa miscigenação, né. O que há de positivo na forma como ela é operada para o Estado nacional e para o Estado nacional que se pretende no mínimo um Estado que dialoga com, com essa, com essa ideia de civilidade branca, né, e ele consegue fazer com que a população negra e, e mestiça que até então tinha suas práticas culturais, religiosas, enfim, vistas como coisas próximas à barbárie como candomblé, capoeira, o próprio futebol, né, ele consegue transformar essas práticas que são práticas de origem negra no Brasil em práticas nacionais e aí ele, ele reconforta esse país.

Maurício Lissovsky [Historiador]

A mestiçagem é uma evidência social que, que... Des... Des... Há muito tempo, de, de tempos coloniais, de tempos do, do império. Essa, essa é uma evidência você não vai negar essa evidência, né. Agora, essa evidência serviu a... Ao Estado Novo, por exemplo, para dizer que o Brasil era democrático. Veja só, o Brasil é democrático porque temos uma, né... Temos pouco preconceito ou temos uma, uma, uma democracia racial dada pela mestiçagem. Então você vê que é... Era, era... Onde foi que esse... Quando foi que esse mito foi mais vigente, mais poderoso? Exatamente quando a gente teve em regimes autoritários ditatoriais, foi no tempo do Estado Novo e depois durante a Ditadura Militar.

Auterives Maciel [Filósofo]

A capacidade de existirmos daqui para frente supõe, evidentemente, a coragem de banir com todo e qualquer laço colonialista que fez parte da nossa formação e que infelizmente a gente ainda tenta reproduzir para poder bancar o ser superior. Para mim a saída do Brasil está na capacidade do brasileiro, né, encontrar a sua diferença e poder se orgulhar dessa diferença, e isso eu penso aqui com vocês, só é possível através das misturas, só é possível através das miscigenações.